destacável - Jornal **Semanário** INSTITUTO CAMÕES

Bilingue Português/Tétum

VÁRZEA DE LETRAS

Jornal Literário
do Departamento de Língua Portuguesa da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e

Edição dupla - 009/010 Directora - Urraca Corte Real Outubro/Novembro - 2004

Mudança de chefias

no Departamento de Língua Portuguesa da UNTL e no Centro de Língua Portuguesa

O Centro de Língua Portuguesa do Instituto Camões em Díli (situado na UNTL, em frente ao Parlamento Nacional) tem nova responsável, a Mestre Flávia Ba, que substituiu o Dr Fernando Chambel, regressado a Portugal para assumir funções nos Serviços Centrais do ICA. A nova responsável é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas - Variante de Estudos Portugueses pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e fez Mestrado em Literaturas Comparadas, também na FCSH-UNL, com uma dissertação intitulada *"Penélopes de Pau-Preto: a configuração literária das personagens femininas em* Véhi Ciosane *e* Parábola do Cágado Velho*"* [obras da autoria do escritor senagalês Sembéne Ousmane e do autor angolano Pepetela, respectivamente].

No Departamento de Língua Portuguesa da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e também houve mudança de chefia. Terminou o seu mandato o Dr Sebastião Guterres, substituído pela Mestre Maria José Albarran. A nova chefe fez o seu Mestrado em Linguística com uma dissertação sobre a língua portuguesa em Moçambique. O Departamento de Língua Portuguesa da UNTL vai já no seu quarto ano lectivo de existência, e teve como primeira Chefe – na altura da sua instalação – a Dra Isabel Jerónimo. Os alunos do Departamento que tiverem algum assunto a resolver com a Chefe de Departamento poderão encontrá-la no Centro de Língua Portuguesa todas as quintas e sextas-feiras, entre as 14 e as 16 horas. Igualmente poderão solicitar junto da Chefe de Departamento informações sobre os seus novos Orientadores Académicos. A Chefe de Departamento contará ainda com o apoio, nas tarefas de âmbito administrativo, da aluna-finalista da Licenciatura em Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas, Benvinda Rosa Oliveira.

Às novas chefes a redacção do Várzea de Letras deseja muito sucesso nas novas funções.

Mestre Maria José Albarran

Mestre Flávia Ba

DIÁRIO DA PRISÃO

No dia 20 de Novembro, na Sala de Leitura Xanana Gusmão, foi lançado o livro Olobai 75 da autoria de Domingos de Sousa. Fizeram parte da mesa na sessão de lançamento, além do autor, o Bispo de Baucau, D. Basílio do Nascimento, o Reitor da UNTL, Prof. Dr. Benjamim Corte-Real e o Padre Jovito, tendo os vários oradores enaltecido o carácter do autor e a importância dos seu livro como testemunho de uma época e como um apelo aos valores cristãos da tolerância e reconciliação. O livro constitui um diário do escritor, onde este registou as experiências de tortura e humilhação, mas também de solidariedade e de dignidade humana, que viveu enquanto foi prisioneiro político numa prisão da Fretilin em 1975.

POESIA DE BORJA DA COSTA

Teve lugar no dia 29 de Outubro no bar-restaurante Alfa-Omega (ao lado da UNTL) uma sessão de declamação de poemas do poeta revolucionário timorense Borja da Costa. A sessão foi organizada pelo poeta Abé Barreto, como homenagem ao escritor morto pelos indonésios, e contou com a participação de vários declamadores, nacionais e estrangeiros, que leram versões originais em português e tétum, bem como traduções para inglês e indonésio. Borja da Costa foi o autor da letra do hino da Fretilin – *Foho Ramelau* – e da letra do hino nacional – *Pátria*.

SER TIMORENSE LÁ LONGE

A obra é de José Leon Machado e a capa diz: «*Braços Quebrados* conta a história de um jovem que fugiu de Timor após a invasão indonésia e se refugiou em Portugal. As recordações da família, do cheiro a sândalo e a tamarindo, a eucalipto branco e a maresia, levam-no a escrever um diário. Esse diário depressa ultrapassa a intenção inicial para se tornar num companheiro a quem o autor confia os sentimentos mais íntimos, os pesadelos que o perseguem, a relação com os outros, os amores e as desilusões, a angústia, o medo e a alegria.
Retrato de Timor pós-colonial, por ele perpassam a guerra civil, a invasão, a luta da Resistência nas montanhas, a prisão de Xanana, o massacre no cemitério de Santa Cruz, o referendo, a reacção das milícias e do exército indonésio, a força de paz da ONU e a vitória da esperança».
Para mim foi um livro de agradável leitura que representa também um tributo a um grupo de jovens reais, a alguns dos quais o autor dedica o livro, conhecidos na comunidade timorense em Portugal como "os seminaristas", que foram para Portugal como crianças fugidas da guerra civil, e que aí cresceram, longe da família, e frequentemente no meio de muitas dificuldades. Já homens feitos, e numa fase complicada da minha vida, também eles me acolheram na sua casa, como um novo "refugiado", como um dos deles. Devo-lhes muito. Bem hajam!
JPE

DIRECÇÃO: Urraca Corte-Real - **REDACÇÃO**: Flávia Ba; João Paulo Esperança; Icha Bossa - **COLABORADORES NESTA EDIÇÃO**: Benjamim de Araújo e Corte-Real; Seno Gumira Ajidarma; Triana Corte-Real de Oliveira; João Paulo Esperança; Icha Bossa; Clara Viegas da Silva, Hercus Pereira dos Santos - **CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA DO TÉTUM (de acordo com o Decreto do Governo nº1/2004 de 14 de Abril)**: João Paulo Esperança - **PAGINAÇÃO**: João Paulo Esperança

Publicamos aqui o conto "Orelhas" com autorização do autor, **Seno Gumira Ajidarma**. A tradução de indonésio para português foi feita por **João Paulo T. Esperança**, que está actualmente a traduzir o livro "Saksi Mata" na sua totalidade. A ilustração é de **Agung Kurniawan**, como todas as da edição indonésia da obra.

Orelhas

"Conta-me uma história sobre crueldade," disse Alina ao contador de histórias.

Então o contador de histórias começou a contar uma história sobre orelhas.

Num belo dia a Dewi recebeu uma encomenda do seu namorado que estava a cumprir o dever no campo de batalha. Esta encomenda era um envelope castanho. Quando a Dewi o abriu, viu uma orelha amputada. Era uma orelha grande, uma excelente orelha da qual ainda não tinha secado o sangue. Havia uma nota do seu namorado dentro do envelope.

Envio esta orelha para ti Dewi, como recordação do campo de batalha. Esta é a orelha de alguém suspeito de ser espião do inimigo. Nós normalmente cortamos mesmo as orelhas às pessoas suspeitas, como aviso sobre o risco que correm aqueles que se atreverem a incitar à revolta. Recebe esta orelha, só para ti, envio-ta aqui de longe porque tenho muitas saudades tuas. Todas as vezes que olhares para esta orelha, lembra-te de mim aqui sozinho. Cortar orelhas é o meu único entretenimento.

A Dewi foi logo pendurar a orelha no quarto de hóspedes. Quando o vento soprava através da janela e da porta, a orelha pendurada com um fio oscilava suavemente.

As visitas que apareciam perguntavam sempre.

"De quem é esta orelha?"

E a Dewi respondia sempre.

"Oh, essa é a orelha de uma pessoa suspeita de ser espião do inimigo, o meu namorado mandou-ma do campo de batalha como recordação."

Às vezes, quando a Dewi sentia saudades do namorado, ficava a olhar fixamente a orelha sozinha à noite. O sangue daquela orelha ainda não tinha secado, ainda estava húmido, de tal forma húmido que às vezes pingava para o chão. A Dewi de vez em quando também sentia que a orelha a modos que estava ainda viva, e imóvel, como se ainda pudesse ouvir as vozes nas redondezas.

"Esta orelha de espião, hã!...", pensava a Dewi, "gostaria de continuar de ouvido à escuta."

Todas as manhãs, depois de acordar, a Dewi esfregava o chão do quarto de hóspedes que ficava vermelho por causa do sangue que pingava da orelha. Não era muito na verdade, mas para o chão de mármore branco brilhante, claro que estas gotas de sangue encarnado eram suficientes para incomodar.

"Põe só um balde por baixo," aconselhou-a a mãe, "Para quê esfregar todos os dias o sangue de um inimigo?"

"Não faz mal, eu gosto de o fazer," respondeu a Dewi.

Enquanto esfregava o chão, a Dewi gostava de olhar para a orelha que parecia mover-se. Esta orelha era como uma antena capaz de captar quaisquer mensagens espalhadas no vento.

"Se calhar ela ouviu alguma vez algo de que não deveria ter tido conhecimento," pensou a Dewi.

Mas de que forma é que nós podemos não ouvir as vozes?

A Dewi escreveu uma carta ao seu namorado.

A orelha que tu enviaste já a recebi em boas condições. Até agora o sangue dela continua a gotejar. Eu acho que esta recordação do campo de batalha é uma coisa extraordinária. Pendurei a orelha na sala de visitas e as visitas admiram-na. Fico muito comovida por tu ainda te lembrares de mim aí no tumulto do campo de batalha. Tu certamente estás muito cansado a combater todos os dias e a disparar contra os inimigos até eles morrerem. É uma sorte que pelo menos possas entreter-te a cortar as orelhas das pessoas suspeitas. Eu nem posso imaginar como seria na hipótese de não haver pessoas suspeitas a quem cortar as orelhas. Ficarias mesmo numa situação de aborrecimento. Meu namorado, meu querido, agradece a Deus por te ser dada a oportunidade de cortar orelhas das pessoas. Senão ficarias mesmo à rasca. Acredita que sinto muito orgulho em ti. Fiquei muito contente por receber a tua encomenda.

PS: Mas qual é o método para que as pessoas cujas orelhas foram cortadas não possam ouvir as vozes?

Depois disto quase todos os dias a Dewi recebia uma encomenda de orelhas do seu namorado. Às vezes uma, às vezes duas, uma vez um cesto delas. Continha talvez mais de 50 orelhas. A Dewi colocou as orelhas em exibição por todo o lado. Na sala de visitas estavam suspensas do candeeiro de cristal, penduradas nas portas e janelas, coladas nas paredes, até colocadas em ambos os lados do número da casa, da caixa de correio, e da placa com o nome dos pais. Quando as encomendas de orelhas continuaram a vir, a Dewi fez portachaves, enfeites para a pasta, broxes e brincos. As orelhas dela usavam brincos de orelha!

"Há aqui orelhas aos montes," disse uma colega da escola.

"Presentes do meu namorado no campo de batalha," a Dewi respondeu com orgulho.

"O teu namorado deve andar mesmo ocupado a cortar estas orelhas. Bolas! São carradas delas!"

"Eu ainda tenho muitas se tu quiseres."

"Quero! Quero!"

Apesar de as orelhas ainda gotejarem sangue, a amiga dela quis levar um cesto delas. Era verdade que havia demasiadas orelhas na casa da Dewi, mas evidentemente ela não queria deitar fora o produto do esforço do seu namorado no campo de batalha. A mãe dela já tinha pensado em secá-las ao sol e depois fritá-las, quem sabe se não teriam um bom sabor e poderiam ser vendidas. Tantas eram as encomendas de orelhas, uma verdadeira corrente, que até faziam a Dewi pensar às vezes que todas as pessoas encontradas pelo seu namorado no campo de batalha eram pessoas consideradas suspeitas.

Ela escreveu mais uma carta.

As encomendas de orelhas que tu cortaste das pessoas suspeitas chegaram todas em boas condições. Muito obrigada. Coloquei-as todas em lugares onde podem ser vistas pelas pessoas. Todas as vezes que as visitas perguntam de onde vêm estas orelhas, eu respondo do meu namorado no campo de batalha, que as cortou das orelhas de pessoas suspeitas. Eles todos têm muito orgulho em ti meu querido. Deve ser pesado o teu trabalho de cortar as orelhas de tanta gente todos os dias. Suponho que seja este o motivo pelo qual não tiveste oportunidade de responder à minha última carta. Mas fico contente de receber estas encomendas de orelhas. Só tenho medo que este trabalho de cortar orelhas já não dê conforto ao teu coração solitário. Reza a Deus para que o teu corpo e o teu espírito continuem salvos.

PS: Eu estou um bocado admirada, porque é que tanta gente é considerada suspeita, e também me pergunto muitas vezes, de que forma é que as pessoas a quem foram cortadas as orelhas já não ouvem as vozes?

Lá longe no campo de batalha o namorado da Dewi estava ocupado a massacrar gente. Todos os soldados enviados para o campo de batalha estavam muito ocupados porque toda a gente estava activa na resistência. Todos eram inimigos e todos eram considerados suspeitos. Revoltas surgiam em todos os cantos. Os rebeldes sussurravam o espírito da luta até às orelhas dos bebés ainda no ventre.

De um búnquer, o namorado da Dewi escreveu-lhe uma carta.

Desculpa-me Dewi, por ter demorado tanto e só agora poder responder à tua carta. É melhor eu contar-te o quão ocupados nós andamos a combater as vozes que incitam à revolta. Se o inimigo nos vem atacar, basta-nos esperar e disparar. Mas as vozes espalham-se no vento sem som, de maneira que nós nunca sabemos realmente quem é que já as pode ter ouvido. É como se todas as pessoas pudessem de repente mudar e tornar-se rebeldes. Nós nunca poderemos saber quem é inimigo e quem é amigo, somos forçados a massacrá-los todos. Tu perguntaste uma coisa que há muito tempo nós perguntámos a nós mesmos: de que forma é que podemos evitar que as pessoas a quem cortámos as orelhas ouçam as vozes? Nós não sabemos Dewi, principalmente se as vozes forem silenciosas. Portanto, concordámos em cortar simplesmente as cabeças das pessoas suspeitas. O que podemos fazer? Destas cabeças é que eu corto as orelhas que te envio. Podes imaginar como andamos ocupados. Nós não cortamos só as orelhas, temos que decepar também as cabeças. Por este motivo Dewi é que eu não tive tempo de responder à tua carta. Espero que compreendas.

PS: Gostarias também de receber algumas cabeças sem orelhas como recordações do campo de batalha? Vou-te mandar uma só como amostra, porque se eu te enviasse todas as cabeças que já decepei, tenho receio que deixaria de haver lugar para ti onde escrever cartas.

"Fim!" o contador de histórias terminou a sua história.

"Como era cruel esse namorado da Dewi," declarou Alina ao contador de histórias.

Ao que o contador de histórias respondeu.

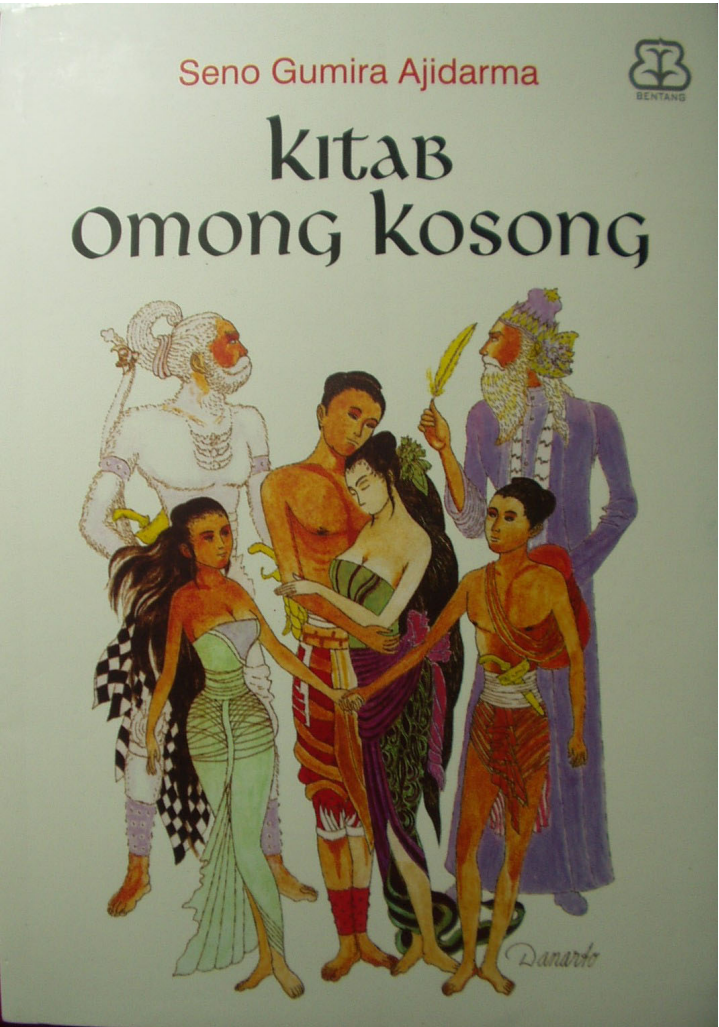
"Mas muitas pessoas consideram-no um herói." •

Jacarta, 21 de Julho de 1992

Sobre *Seno Gumira Ajidarma*

O livro *Testemunha Ocular*, de Seno Gumira Ajidarma, é uma obra que causará arrepios a qualquer timorense que a leia ao pensar nos sofrimentos e dificuldades que o nosso povo suportou durante a ocupação indonésia. Cada um dos contos refere-se a um aspecto deste sofrimento. O autor era antigamente jornalista na revista *Jakarta Jakarta* e quando os militares indonésios assassinaram muitos jovens no Massacre de Santa Cruz em 12 de Novembro de 1991 ele teve a coragem de escrever nesta revista sobre o que aconteceu. O resultado foi ser convocado pelos chefes e interrogado, e depois retirado das funções que exercia. Isto levou-o a começar a escrever uma série de pequenas histórias que foi publicando em jornais indonésios a fim de dar a conhecer a realidade de Timor-Leste. Mais tarde reuniu estes contos num livro que uma pequena editora chamada Bentang Budaya publicou. Esta editora procurava então dar voz a escritores que tinham uma atitude crítica em relação ao regime da *Orde Baru* [Ordem Nova] de Suharto. O livro já teve duas edições e quatro tiragens.

Seno faz parte de uma geração nova na literatura indonésia, junto com autores como Afrizal Malna, Nirwan Dewanto, Danarto, Y.B. Mangunwijaya, Toeti Heraty e Ayu Utami, que procuram trilhar caminhos novos na escrita. Ele publicou já muitos livros, entre os quais se contam *Atas Nama Malam*, *Wisanggeni – Sang Buronan*, *Sepotong Senja untuk Pacarku*, *Biola tak berdawai* e *Negeri Senja*. Há duas outras obras de que ele foi autor que têm Timor como assunto, que eu pretendo traduzir também. Uma intitula-se *Ketika jurnalisme dibungkan, sastra harus bicara*, que é um conjunto de ensaios sobre a falta de liberdade de imprensa na Indonésia, outra chama-se *Jazz, Parfun, dan Insiden* e é um romance algo experimentalista que também fala sobre o Massacre de Santa Cruz.

Texto original em tétum de ***Triana do Rosário Côrte-Real de Oliveira****, excerto da "Nota da tradutora" no livro* Sasin-Matan *que será publicado brevemente em Timor. Este trecho foi traduzido do tétum por J.P. Esperança. Além de ter traduzido o livro* "Saksi Mata"*, Triana Oliveira está actualmente a traduzir para tétum a colecção de ensaios* Ketika Jurnalime Dibungkam, Sastra Harus Bicara.

Kona-ba *Seno Gumira Ajidarma*

Livru *Sasin-Matan* ida-ne'e, Seno Gumira Ajidarma nian, hanesan livru ida ne'ebé la iha timoroan ida ne'ebé bele lee no ninia fulun la hamriik tanba hanoin kona-ba terus no susar ne'ebé ita-nia povu tahan durante okupasaun indonézia nia laran. Istória ida-idak kona-ba aspetu ruma husi terus hirak-ne'e. Nia hakerek-na'in uluk jornalista iha revista *Jakarta Jakarta* ne'ebé bainhira tropa indonézia oho foin-sa'e barak iha Masakre Santa Krús iha 12 Novembru 1991 barani atu hakerek iha ninia revista kona-ba buat ne'ebé akontese. Nu'udar rezultadu, revista ne'e nia boot sira bolu nia atu litik nia no hasai fali nia husi nia serbisu. Tanba ne'e hahú hakerek istória badak barak ne'ebé depois nia publika iha jornál indonéziu oioin ho objetivu atu fó-hatene kona-ba realidade Timór Lorosa'e nian. Tuirmai nia halibur istória hirak-ne'e iha livru ida ne'ebé editora ki'ikoan naran Bentang Budaya maka publika. Editora ne'e buka fó lian ba hakerek-na'in oioin ne'ebé dala barak ko'alia hasoru rejime *Orde Baru* Suharto nian. Nia livru ne'e hetan tiha ona edisaun rua no tirajen haat.

Seno hola parte iha jerasaun foun iha literatura indonézia, hamutuk ho ema hanesan Afrizal Malna, Nirwan Dewanto, Danarto, Y.B. Mangunwijaya, Toeti Heraty no Ayu Utami, ne'ebé buka atu la'o dalan foun iha sira-nia knaar hakerek ne'e. Nia publika tiha ona livru barak hanesan porezemplu *Atas Nama Malam*, *Wisanggeni – Sang Buronan*, *Sepotong Senja untuk Pacarku*, *Biola tak berdawai* no *Negeri Senja*. Iha livru rua tan ne'ebé nia hakerek ho Timór nu'udar asuntu, ne'ebé ha'u hakarak atu tradús ba oin. Ida naran *Ketika jurnalisme dibungkan, sastra harus bicara*, ne'ebé kolesaun-ensaiu ida kona-ba liberdade-imprensa ne'ebé lakon iha Indonézia, ida seluk *Jazz, Parfun, dan Insiden*, romanse esperimentalista uitoan ne'ebé mós ko'alia kona-ba Masakre Santa Krús.

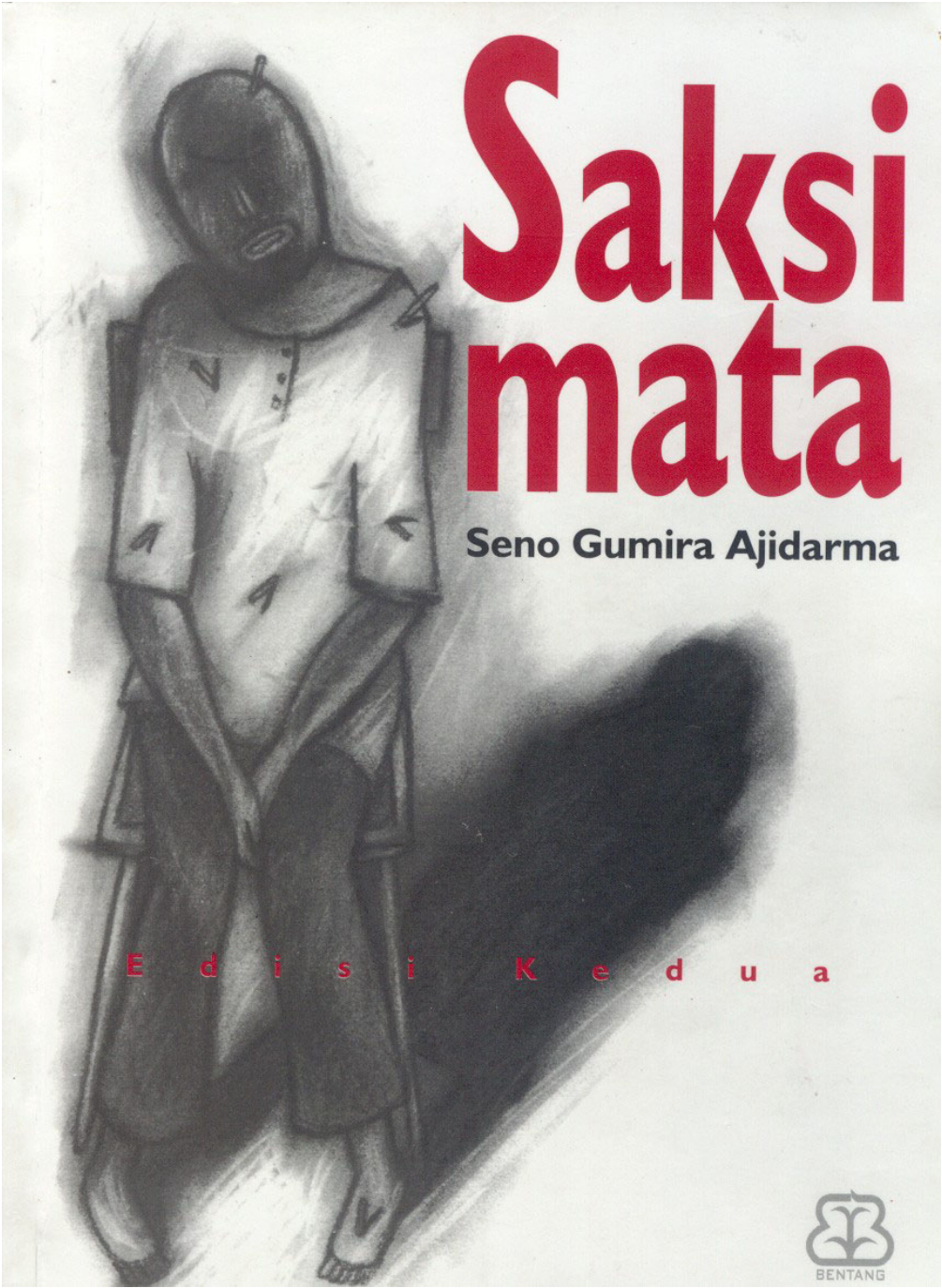
Testu husi ***Triana do Rosário Côrte-Real de Oliveira****, ne'ebé parte husi "Nota husi tradutora" iha livru* Sasin-Matan *ne'ebé sei hetan publikasaun la kleur iha Timór Lorosa'e. Aleinde tradús tiha livru* "Saksi Mata"*, Triana Oliveira agora tradús daudaun kolesaun-ensaiu* Ketika Jurnalime Dibungkam, Sastra Harus Bicara *ba lia-tetun.*

O livro mais recente de Seno G. Ajidarma

Dados do livro *"Saksi Mata"*

O livro *Saksi Mata* foi publicado pela Bentang Budaya em 1994. A obra foi bem recebida pelo público e nos meios literários, e recebeu o *Penghargaan Penulisan Karya Sastra* 1995 (um prémio literário) do *Pusat Pembinaan dan Pengembangan Bahasa Departemen Pendidikan dan Kebudayaan* [Centro para a Construção e Desenvolvimento da Língua do Departamento de Educação e Cultura]. Os contos incluídos na primeira edição de *Saksi Mata* (1-13) foram traduzidos para inglês por Jan Lingard, em parceria com Bibi Langker e Suzan Piper, e publicados como livro com o título *Eyewitness* (Sydney: ETT Imprint, 1995). A tradução em inglês ganhou o prémio de tradução *Dinny O'Hearn Prize for Literary Translation* no ano de 1997 no Premier's Literary Award. A Timor Aid vai publicar a tradução em tétum, de Triana de Oliveira. João Paulo Esperança está actualmente a traduzir o livro de indonésio para português.

Kona-ba istória *Tilun* ne'e

Istória ida-ne'e, ho títulu orijinál "Telinga", publika primeiru iha jornál-diáriu *Kompas*, 9 Agostu 1992. Publika fila fali iha *Pelajaran Mengarang* (Istória badak ne'ebé hili husi *Kompas* 1993). Tradús ba lia-inglés husi Riana Puspasari, publika fila fali ho naran "Ears" iha *The Jakarta Post*, 1994. Tradús fila fali ba lia-inglés husi Jan Lingard, no publika ho naran "Ears" iha *Inside Indonesia*, June 1995. Autór Seno Gumira Ajidarma hakerek iha *Ketika Jurnalisme Dibungkam Sastra Harus Bicara* (Yogyakarta, Yayasan Bentang Budaya, 1997): «*Iha notísia ne'ebé hakerek iha revista* Jakarta Jakarta *dehan katak Governadór Timór Lorosa'e nian Mário Viegas Carrascalão iha Outubru 1991 nia rohan* "simu mane-klosan na'in-haat iha ninia eskritóriu. Na'in-rua husi sira na'in-haat ne'e, sira-nia tilun ema ko'a tiha ona"*. Imajen vizuál husi fraze ne'e belit hela de'it iha ha'u-nia ulun-fatuk, to'o hamoris mai istória badak* Tilun *ne'e.*»

Sobre o conto *Orelhas*

Este conto, com o título original "Telinga", foi publicado pela primeira vez no diário indonésio *Kompas*, em 9 de Agosto de 1992. Foi novamente publicado em *Pelajaran Mengarang* (Contos seleccionados do jornal *Kompas* em1993). Foi traduzido para inglês por Riana Puspasari, e publicado com o título "Ears" em *The Jakarta Post*, em 1994. Traduzido novamente para a língua inglesa por Jan Lingard, foi publicado com o título "Ears" na revista *Inside Indonesia*, Junho 1995. O autor Seno Gumira Ajidarma escreveu em *Ketika Jurnalisme Dibungkam Sastra Harus Bicara* [Quando o Jornalismo é Silenciado a Literatura Deve Falar] (Yogyakarta, Yayasan Bentang Budaya, 1997): «*Segundo relatado na revista* Jakarta Jakarta, *em finais de Outubro de 1991 o Governador de Timor Oriental Mário Viegas Carrascalão* "recebeu quatro jovens no seu escritório. A dois destes jovens haviam sido cortadas as orelhas"*. A imagem visual desta frase ficou-me gravada na cabeça, até fazer nascer este conto* Orelhas.»

Dadus husi livru *"Saksi Mata"*

Livru *Saksi Mata* publika husi Bentang Budaya iha tinan 1994. Livru ne'e hetan resesaun ne'ebé di'ak husi komunidade, no hetan *Penghargaan Penulisan Karya Sastra* 1995 (Prémiu Literatura nian) husi *Pusat Pembinaan dan Pengembangan Bahasa Departemen Pendidikan dan Kebudayaan*. Istória hotu-hotu iha *Saksi Mata* Edisaun Dahuluk (1-13) hetan tradusaun ba lia-inglés husi Jan Lingard, hamutuk ho Bibi Langker no Suzan Piper, no publika nu'udar livru ho títulu *Eyewitness* (Sydney: ETT Imprint, 1995). Iha tradusan ba lia-inglés, livru ne'e hetan *Dinny O'Hearn Prize for Literary Translation* (Prémiu Tradusaun nian) iha tinan 1997 iha Premier's Literary Award. Timor Aid atu publika nia tradusaun ba tetun, husi Triana de Oliveira. João Paulo Esperança halo daudaun tradusaun husi lia-indonézia ba portugés.

Ami publika istória “Tilun” ida-ne’e ho autorizasaun husi nia hakerek-na’in, **Seno Gumira Ajidarma**. **Triana Côrte-Real de Oliveira** maka halo tradusaun ba lia-tetun. Ninia tradusaun husi livru tomak “Saksi Mata” sei hetan publikasaun iha Dili husi organizasaun la-governamentál Timor Aid. Dezeñu ne’ebé mosu iha-ne’e **Agung Kurniawan** nian, hanesan mós sira hotu ne’ebé mosu iha edisaun indonézia husi livru ne’e.

Tilun

“KONTA lai istória mai ha’u kona-ba krueldade,” dehan Alina ba istória-na’in ne’ebá.

Entaun istória-na’in ne’ebá komesa konta istória kona-ba tilun.

Iha loron ida ne’ebé kmanek, Dewi hetan prezente hosi ninia namoradu ne’ebé servisu hela iha rai-funu nia laran. Prezente ne’e envelope kór-kafé ida. Bainhira Dewi loke envelope ne’e, nia haree tilun pedasuk ida. Tilun ida be boot, kapás no ninia raan seidauk maran. Iha nota hosi nia namoradu iha envelope laran ne’ebá.

Ha’u haruka tilun ne’e ba ó Dewi, nu’udar rekordasaun hosi rai-funu nia laran. Ne’e tilun ema ida nia ne’ebé ami deskonfia hanesan mauhuu inimigu. Ami toman ko’a tilun ema hirak ne’ebé ami deskonfia, nu’udar avizu ba risku ne’ebé sira hetan kuandu halo revolta. Simu bá tilun ne’e, ba ó de’it, ha’u haruka hosi rai dook tanba ha’u iha saudades ba ó. Bainhira haree tilun ne’e, hanoin mai ha’u an be mesamesak. Ko’a tilun maka buat ida de’it hodi pasatempu.

Dewi hafoin tara tilun ne’ebá iha sala-vizita. Se anin huu liuhosi janela no odamatan, tilun ne’ebé tara ho viola-talin ida ne’e book an neineik.

Bainaka sira ne’ebé mai sempre husu beibeik.

“Sé-nia tilun mak ne’e?”

No Dewi sempre hatán.

“Oh, ne’e tilun husi ema ne’ebé deskonfia hanesan mauhuu inimigu, ha’u-nia namoradu haruka mai hosi rai-funu nia laran nu’udar rekordasaun.”

Dala ruma, bainhira Dewi iha saudades ba nia namoradu, nia haree ba tilun ne’ebá mesak de’it iha kalan-boot laran. Raan iha tilun ne’e seidauk maran de’it, sei bokon, bokon loos to’o dala ruma turu ba rai. Dala balu Dewi mós sente tilun ne’e hanesan sei moris, no book an bá-mai, hanesan sei bele rona lian hirak iha nia sorin-sorin.

“Be mauhuu nia tilun,” Dewi hanoin, “ hakarak see-tilun beibeik.”

Dadeer-dadeer, hadeer hotu tiha, Dewi hamoos rai sala-vizita ne’ebé sai mean tanba raan ne’ebé turu-turu hosi tilun ne’ebá. Maski tuir loloos ladún barak, maibé turu ba rai mármore ne’ebé mutin nabilan, konserteza raan sulin mean ne’e hafo’er ona.

“Tau de’it balde iha nia okos,” nia inan fó-konsellu, “Paraké loroloron hamoos raan inimigu nian.”

“La buat ida, ha’u gosta halo,” Dewi hatán.

Enkuantu hamoos hela rai, Dewi gosta haree ba tilun ne’ebé hanesan book an bá-mai ne’e. Tilun ne’e hanesan antena ne’ebé bele kaer lia-tatoli naran ida ne’ebé namkari iha anin.

“Karik nia rona tiha ona buat ruma ne’ebé tuir loloos nia labele hatene,” Dewi hanoin.

Maibé hanu’usá maka ita bele la rona lian hirak ne’e?

Dewi hakerek surat ba nia namoradu.

Tilun ne’ebé ó haruka mai ha’u simu ona didi’ak. To’o agora ninia raan sei turu-turu. Ha’u hanoin rekordasaun hosi rai-funu nia laran ne’e buat ida ne’ebé estraordináriu. Tilun ne’e ha’u tara iha sala-vizita laran no bainaka sira admira. Ha’u laran-kraik loos tanba ó sei hanoin ha’u iha rai-funu nia laran ne’ebé rame ne’ebá. Ó kala kole tebes funu loroloron no tiru inimigu sira to’o mate. Sorte ó sei iha distrasaun ko’a tilun ema sira ne’ebé imi deskonfia. Ha’u labele imajina se karik la iha ema sira ne’ebe imi deskonfia no bele ko’a sira-nia tilun. Ó sei mesamesak duni. Ha’u-nia namoradu, ha’u-nia doben, agradese ba Maromak tanba Nia sei fó oportunidade ba ó hodi ko’a ema nia tilun. Selae ó sei laran-susar loos. Fiar katak ha’u sente orgullu loos ba ó. Ha’u haksolok tebes simu ó-nia prezente ne’e.

PS: Maibé halo hanu’usá mak ema hirak ne’ebé sira-nia tilun ko’a tiha ona ne’e sei la rona lian?

Liutiha ne’e kuaze loroloron Dewi simu prezente tilun hosi nia namoradu. Dala ruma ida, dala balu rua, dala ida bote tomak ida. Iha tilun 50 liu karik iha bote laran. Dewi tau tilun ne’e iha fatin hotu-hotu. Iha sala-vizita tilun ne’e tabelen iha lámpada kristál nia okos, tara iha odamatan no janela, taka iha didin-lolon, tau mós iha sorin karuk i sorin kuanan númeru uma nian, kaixa-korreiu, no iha plaka-naran ninia inan-aman nian. Bainhira prezente tilun ne’e sei mai ba nafatin, Dewi halo portaxave, dekorasaun ba pasta, broxe no brinkus. Ninia tilun mós uza brinkus tilun!

“Barak loos tilun iha-ne’e,” dehan ninia kolega-eskola ida.

“Prezente hosi ha’u-nia namoradu iha rai-funu laran,” Dewi hatán ho orgullu.

“Ó-nia namoradu kala okupadu loos ko’a tilun hirak-ne’e. Posa-pá! Barak lahalimar!”

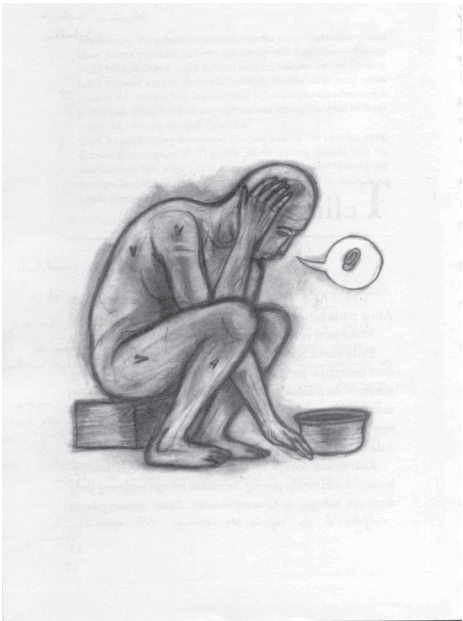
“Ha’u sei iha barak se ó hakarak.”

“Hakarak! Hakarak!”

Maski tilun hirak ne’ebá sei raan turu, nia kolega ne’e hakarak lori bote ida. Tebes katak tilun iha Dewi nia uma barak demais, maibé konserteza Dewi lakohi soe kolen nia namoradu nian iha rai-funu laran ne’ebá. Nia inan iha hanoin ruma kona-ba tilun hirak-ne’e atu habai tiha depois maka sona de’it, sé mak hatene karik gostu no bele fa’an. Prezente tilun ne’e barak loos, suli hanesan bee, tan ne’e Dewi hanoin karik ema hotu-hotu ne’ebé nia namoradu hasoru iha rai-funu laran ne’ebá ema sira hotu ne’ebé merese duni atu deskonfia.

Nia hakerek surat tan.

Prezente tilun hirak ne’ebé ó ko’a sai hosi ema sira ne’ebé imi deskonfia ha’u simu tiha ona didi’ak. Obrigada barak. Ha’u tau hotu iha fatin ne’ebé ema bele haree. Bainhira bainaka sira husu tilun hirak-ne’e mai hosi ne’ebé, ha’u hatán hosi ha’u-nia namoradu iha rai-funu laran, ne’ebé ko’a tilun hirak-ne’e hosi ulun-fatuk ema sira ne’ebé sira deskonfia. Sira hotu sai orgullu ba ó ha’u-nia doben. Todan tebes ó-nia serbisu ko’a tilun ema barak hanesan ne’e loroloron. Ha’u hanoin tanba ne’e maka ó mós la biban atu hakerek tan surat mai ha’u, fó-resposta ba ha’u-nia surat ida uluk. Maibé ha’u haksolok simu prezente tilun hirak ne’e. Ha’u ta’uk de’it knaar ko’a tilun ne’e la halo kontente tan ó-nia laran ne’ebé sempre mesamesak. Reza ba Maromak atu ó-nia isin no ó-nia klamar Nia sei salva nafatin.

PS: Ha’u sei admira uitoan, tanbasá ema barak loos maka merese deskonfiansa, no ha’u mós sei hanoin beibeik, hanu’usá maka ema sira ne’ebé sira-nia tilun ko’a tiha ona ne’e sei la rona lian?

Iha rai-funu laran dook ne’ebá Dewi nia namoradu okupadu oho hela ema. Soldadu hotu ne’ebé haruka ba rai-funu laran ne’ebá sai okupadu tiha ona loos tanba ema hotu-hotu halo rezisténsia. Ema hotu-hotu sai inimigu no ema hotu-hotu merese atu deskonfia. Revolta lakan iha fatin hotu. Rebelde sira bisu-bisu espíritu luta nian to’o mós ba tilun kosok-oan sira ne’ebé sei iha kabun-laran.

Hosi fatin sara-an nian ida, Dewi nia namoradu hakerek surat.

Ha’u husu deskulpa Dewi, se kleur loos ona maka ha’u foin responde ó-nia surat agora. Ha’u sei konta ba ó katak ami okupadu loos funu hasoru lian hirak ne’ebé hala’o revolusaun. Se inimigu mai ataka, ami tiru de’it. Maibé lian hirak-ne’e semo bá-mai iha anin laiha son, tan ne’e ami sei nunka hatene sé maka rona karik tiha ona. Ema hotu-hotu hanesan tekitekir de’it bele muda sai rebelde. Ami sei nunka bele hatene sé maka amigu sé maka inimigu, ho laran-todan ami tenke oho hotu. Ó husu buat ida ne’ebé kleur ona sai pergunta mai ami: hanu’usá maka ema sira ne’ebé sira-nia tilun ko’a tiha ona ne’e sei la rona lian? Ami la hatene Dewi, no lian hirak-ne’e ho son ka lae. Nune’e, ami akordu hodi tesi de’it ulun-fatuk ema sira ne’ebé ami deskonfia. Dehan tan saida. Hosi ulun-fatuk hirak-ne’e maka ha’u ko’a tilun hirak-ne’ebé ha’u haruka ba ó. Imajina to’ok ami okupadu oinsá iha-ne’e. Ami la ko’a de’it tilun, ami tenke tesi ulun-fatuk. Tanba ne’e Dewi, maka ha’u la iha tempu hodi hatán ó-nia surat. Ha’u espera katak ó bele komprende.

PS: Ó mós hakarak ulun-fatuk hirak ne’ebé laiha ona tilun ne’e nu’udar rekordasaun hosi rai-funu laran? Ha’u sei haruka ida de’it uluk hanesan ezemplu, tanba se ha’u haruka ulun-fatuk hotu ne’ebé ha’u tesi tiha ona, ha’u ta’uk se la iha tan fatin ba ó hodi hakerek surat.

“Hotu ona!” istória-na’in ne’e remata ninia istória.

“Laran-aat loos, Dewi nia namoradu ne’e,” Alina dehan ba istória-na’in.

Istória-na’in ne’e mós hatán.

“Maibé ema barak maka konsidera nia hanesan eroi.” •

Jakarta, 21 fulan-Jullu 1992

Triana de Oliveira, tradutora de Seno Gumira Ajidarma para tétum

OS ESPECIALISTAS E A TAREFA DO ENSINO DA LÍNGUA EM TIMOR-LESTE

Entrevista feita pelo STL ao **Prof. Dr. Benjamim de Araújo e Corte-Real**, Director do Instituto Nacional de Linguística, sobre as perspectivas de desenvolvimento das línguas de Timor, no âmbito das celebrações do quarto aniversário do Referendo em Timor-Leste (30 de Agosto de 2003). O original em tétum está disponível na página do INL na Internet. Alguns aspectos do que aqui é dito poderão já estar desactualizados, mas publicamos o documento pela pertinência das reflexões nele contidas, tornando-as assim acessíveis ao público que ainda não aprendeu o tétum. Tradução para português de **João Paulo T. Esperança**.

STL – 1. Porque uma língua é o meio de transmitir ideias e pensamentos, em que direcção é que vai o programa de ensino da língua tétum que o Governo está a preparar? Qual é exactamente a política do Governo sobre o desenvolvimento do tétum?

Direcção do Instituto Nacional de Linguística (D-INL) – A política do Governo da RDTL sobre a promoção da língua tétum na Escola Primária é clara e simples, e consiste em fornecer ao tétum todos os recursos de que ele precisa para se tornar uma língua normal de ensino. Isto significa que queremos não apenas ensinar todos os alunos a falar, compreender, ler e escrever correctamente o tétum, mas, olhando mais longe, pretendemos também usar o tétum para ensinar as diferentes matérias na Escola Primária, como a matemática, a geografia, a história, as ciências naturais e, especialmente, a cultura timorense.

STL – 2. Essa política já está em andamento ou ainda não?

D-INL – Porque os meios e recursos ainda não são muitos, não houve ainda a oportunidade de implementação desta política. Por isso é que é muito inteligente a política de manter o **tétum e o português** como duas línguas aliadas. No início, as crianças aprenderão correctamente o tétum na Escola Primária. Entretanto, aprenderão as várias disciplinas na outra língua co-oficial, o português, o nosso meio principal para conhecer a ciência e a cultura internacional. Os alunos continuarão a estudar o tétum na Escola Secundária e também na Universidade de forma a elevar permanentemente o seu uso e a sua imagem. A Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (UNTL) já começou a ensinar o tétum como uma disciplina académica geral, e pretende abrir um Departamento de Língua Tétum no ano académico 2005/2006.

STL – 3. Muita gente diz que o tétum ainda não está desenvolvido, porque não têm estrutura. Como é que responderia a esta observação?

D-INL – As pessoas que dizem que o tétum é "uma língua fraca", "um dialecto primitivo apenas", "uma língua que não tem gramática nem vocabulário moderno", têm pensamentos pouco bonitos sobre o valor do tétum, não muito distantes da forma de proceder habitual que espezinha as outras línguas nacionais. Não era apenas na época do domínio colonial português que ainda não se ensinava correctamente tétum nas escolas, mas principalmente o colonialismo da Indonésia esmagou fortemente o tétum, proibiu o seu grande aliado histórico e cultural, que é a língua portuguesa, e procurou apenas elevar a língua indonésia à condição de "língua nacional", para poder fazer os timorenses rejeitarem e esquecerem a sua própria língua e cultura. Em termos científicos, dizer que uma língua é "primitiva" é um erro crasso; é como dizer que um animal, ou um insecto qualquer, que anda ou voa não tem corpo.

Para além disso, se há pessoas que declaram que a língua tétum não tem vocabulário moderno ou técnico isto é apenas porque ainda não abriram os dicionários de tétum que actualmente temos. Nestes dicionários encontramos vinte sete mil e tal palavras, incluindo todos os termos técnicos e científicos necessários para descrever coisas, procedimentos e ideias da vida nos tempos modernos. Os linguistas que escreveram o dicionário dizem que de facto o vocabulário do tétum é mais vasto do que o da língua indonésia. Se isto é verdade, então podemos dizer que o *Bahasa Indonesia* também é uma língua "fraca" e "primitiva"?

STL – 4. Timor-Leste possui muitas línguas regionais. Podemos usar estes idiomas locais como fontes para o enriquecimento do tétum?

D-INL – Devido à grande ignorância que ainda há sobre a situação linguística em Timor-Leste, existem muitos mitos (pensamentos anti-científicos) que ainda andam por aí. De acordo com estes mitos, podemos criar uma língua nacional nova, uma espécie de "super-tétum", misturando línguas à toa, com palavras e estruturas de todas as línguas e dialectos, como se estivéssemos a fazer uma caldeirada na cozinha. Esta fantasia também propaga a ideia que depois de fazer esta "caldeirada linguística" teremos uma língua apenas, e o nosso povo já não precisará de falar mambai, galole, baiqueno, búnaque, macassai, fataluco e restantes idiomas.

STL – 5. Uma proposta como essa é boa ou não?

D-INL – Os linguistas sabem que uma proposta como essa é um plano louco. É como sugerir a criação de um "super-animal" através de reprodução que misture um búfalo com um elefante, ou então, a criação de uma "super-ave" acasalando um ganso com um milhafre! As línguas, tal como todas as espécies vivas no mundo, seguem um processo de desenvolvimento de acordo com as leis da natureza. É verdade que uma língua pode receber empréstimos lexicais de outra, como por exemplo o tétum-praça recebeu milhares de vocábulos do tétum-térique e do português; assim como a língua indonésia usa um grande número de empréstimos lexicais do português, do sânscrito, do árabe e do holandês, seguindo um processo linguístico longo e natural. Mas o homem não pode criar uma língua nova através da mistura de duas ou mais línguas, e das suas estruturas e léxico, sem seguir um processo linguístico natural.

Há cento e tal anos, um polaco chamado Dr. Zamenhof inventou uma língua artificial denominada "esperanto" com o objectivo de que esta se tornasse uma língua internacional para ser usada em todo o mundo. Para fazer esta língua artificial ele misturou palavras de diferentes línguas como o francês, italiano, alemão, polaco, russo e inglês. Apesar de o esperanto ser um sistema de comunicação lógico, a maioria das pessoas não o aceitou, porque é um sistema artificial, não é natural. Por isso, a língua esperanto não teve sucesso, e a língua que ultimamente se veio a tornar internacional foi o inglês, um idioma que se desenvolveu por meios naturais ao longo de muitos séculos.

STL – 6. A Constituição diz que devemos valorizar, defender e desenvolver as línguas nacionais.

D-INL – A Cláusula nº 2, Artigo nº 13, da nossa Constituição Nacional, que fala sobre as línguas, tem sido elogiada por muita gente noutros países como a política linguística mais democrática do mundo. Porquê? Porque a nossa política linguística reconhece quinze línguas regionais, além do tétum como "língua nacional", que o Governo pretende proteger, desenvolver e elevar dentro da sociedade timorense.

STL – 7. Então, as línguas interpenetram-se e podem influenciar-se umas às outras. Isto significa que as línguas regionais podem enriquecer o tétum.

D-INL – Sim, elas interpenetram-se e enriquecem-se mutuamente. Mas através de um processo natural; de forma artificial apenas não pode ser. Mas voltando à pergunta, na realidade o tétum moderno não precisa de ir buscar empréstimos lexicais às restantes línguas nacionais (para lá dos dialectos do tétum-térique), porque o seu vocabulário é mais vasto e mais rico do que o das outras. Assim, é o contrário que pode acontecer, muitas vezes podemos enriquecer as línguas regionais introduzindo nelas (apenas quando necessário) termos novos da nossa primeira língua nacional – a língua tétum.

STL – 8. Porque é que nas escolas não se coloca o ensino do tétum e da língua indonésia ao mesmo nível que o ensino do português e do inglês?

D-INL – Para poder ser usada como meio literário, quer dizer que para ser uma língua que possa ser utilizada em todo o país e toda a sociedade, nos livros, revistas, jornais, rádio, televisão, cinema, teatro, escola, universidade, etc, nós precisamos de variados recursos materiais. Livros para ensinar a língua nacional – dicionários, gramáticas e materiais pedagógicos diversos para a escola – são os recursos materiais mais importantes.

Falemos dos programas de ensino do português e do inglês. Estes programas têm muitos aspectos, e de grande qualidade. Portanto não é difícil aos professores a sua introdução imediata nas escolas. Mas porque é que não é difícil? Porque o português e o inglês são duas línguas internacionais que possuem desde há muitos séculos uma literatura florescente e pujante, assim como imensos recursos pedagógicos de qualidade prontos a usar.

STL – 9. E porque é que o programa de ensino do tétum fica para trás ou é posto para trás?

D-INL – Até agora, o Governo de Timor-Leste ainda não está pronto para introduzir nas escolas e na universidade o programa oficial de ensino do tétum, porque apesar de já haver recursos materiais, e de grande qualidade, estes ainda não são muitos. Se estes materiais não chegam, não podemos culpar o tétum nem o nosso Governo. Perguntamos: (1) Qual o timorense que teve oportunidade de trabalhar intelectualmente para escrever livros de qualidade para o ensino do tétum durante a guerra, esta guerra que estragou o nosso país e fez sofrer o nosso povo durante 24 anos? (2) Quais os linguistas estrangeiros que puderam levar a cabo esta tarefa para nós durante a Ocupação, quando as organizações de financiamento internacionais consideravam Timor-Leste como a vigésima sétima província da Indonésia? Em vez de estarmos com lamúrias porque os recursos materiais em tétum ainda não são muitos, seria mais correcto alegrarmo-nos muito, porque um pequeno, mas diligente, grupo de linguistas pôde fazer aparecer os recursos básicos em apenas dois anos.

STL – 10. Porque é que até agora o Governo ainda não divulgou um currículo para o público? Isto não representa um grande problema para o desenvolvimento da educação?

D-INL – Acabámos de falar sobre as grandes dificuldades que existem pela falta de muitos recursos materiais. Mas ainda não mencionámos o complemento indispensável dos recursos materiais para a promoção de uma língua recém-modernizada: os *recursos humanos*. Os linguistas podem escrever milhares de cartilhas, gramáticas e dicionários para o tétum. Porém, estes recursos não servirão para nada enquanto não tivermos mestres e professores que, após receberem treino, possam começar a ensinar o tétum às novas gerações nas nossas Escolas Primárias e Secundárias.

Devemos elogiar e aplaudir a inteligência do Governo em não querer promover precipitadamente a língua co-oficial tétum na educação. Precisamos não apenas de tempo suficiente para consultas com os diferentes ministérios, com os mestres, com as autoridades da Igreja Católica que tem muitas escolas privadas, e também com especialistas estrangeiros em linguística e pedagogia. Temos que preparar uma estratégia e um plano coerente, em estreita articulação com o regimento linguístico que o Governo vai introduzir para proteger e desenvolver as línguas nacionais e oficiais (tétum e português) e regular o uso de línguas estrangeiras (indonésio e inglês). Seria trabalhar em vão fazer muitos anúncios para o público quando a estratégia ainda não está pronta.

Actualmente estamos na fase de preparação. Já fizemos muitos congressos, e com a ajuda de Deus, o Instituto Nacional de Linguística, junto com o Ministério da Educação, estará pronto a divulgar para a nação o plano global e de qualidade do Governo, sobre a introdução do currículo de língua tétum em todas as escolas.

STL – 11. Que problemas é que o Governo enfrenta no seu programa de ensino do tétum?

D-INL – Não é muito apropriado falar em "problemas", porque a nossa língua tétum já está bem encaminhada, já tem os seus próprios dicionários e gramáticas e o mais importante de tudo: a sua ortografia padronizada, baseada na tradição literária e em princípios científicos. Podemos pôr os olhos nas pessoas que amam o tétum e trabalharam arduamente no seu desenvolvimento num curto espaço de tempo. Falemos sobre os desafios que ainda enfrentamos, nesta obrigação e tarefa patriótica.

Há o desafio de como encontrar o financiamento de que o Instituto e o Ministério precisam para imprimir materiais e distribuí-los pelos professores e por toda a população escolar. O Instituto precisa ainda de fundos para contratar mais

pessoal que possa ensinar a pedagogia do ensino do tétum. A atribuição de fundos e de outros meios é responsabilidade do Governo, e podemos ter confiança no engajamento do Governo neste trabalho importante. Dar formação suficiente a um grande número de mestres e mestras de tétum a curto prazo também constitui um desafio que não é pequeno.

Mas estes grandes desafios mudam a atitude das pessoas sobre a língua. Claro que ainda há alguns coitados que, depois de terem engolido a propaganda anti-nacional do regime de Suharto, não dão ao tétum o valor e respeito que ele merece. Ainda que haja muitos livros e artigos que dão a conhecer os factos científicos e a verdade sobre a língua tétum, algumas pessoas ainda acreditam em histórias e mentiras sobre a língua nacional. Temos que vencer atitudes negativas como essas, que apenas bloqueiam e atrasam o progresso, divulgando e desenvolvendo o tétum na nossa sociedade, e especialmente na escola e na universidade. Em relação à nossa língua co-oficial e primeira língua nacional não podemos ter apenas discurso vazio. Devemos esforçar-nos por elevar e fortalecer o tétum procurando informação correcta, e principalmente ensinando os nossos filhos e alunos a amarem e respeitarem esta herança tão bela que recebemos dos nossos antepassados.

STL – 12. Que dificuldades é que os mestres enfrentam no seu programa de ensino dentro da aula?

D-INL – Não podemos acreditar que os mestres enfrentem muitos problemas em relação à atitude das meninas e meninos na aula, porque os preconceitos contra o tétum vêm dos mais velhos, não das crianças. As nossas crianças são inteligentes, aprendem estas coisas com facilidade. Por isso, podemos crer que o programa de ensino do tétum de forma científica e coerente pode ser um grande sucesso. Basta apenas ter cuidado para que os alunos não confundam a ortografia e vocabulário do tétum com a ortografia e vocabulário do português, porque haverá ensino simultâneo nestas duas línguas oficiais. Isto significa que haverá critérios exigentes para seleccionar quem é que poderá ser professor de língua tétum. Para começar, ele deve compreender claramente os contrastes que separam o tétum da língua portuguesa, e terá que dominar igualmente de que modo é que estes dois idiomas se interpenetram enriquecendo-se mutuamente, o que se torna um traço característico importante. Será necessário dar especial atenção ao encorajamento dos alunos para que escrevam em tétum, e não apenas para que o leiam. Desta nova geração é que surgirão os autores que escreverão uma literatura nacional em tétum.

STL – 13. Até que ponto é que os meios de comunicação social (televisão, rádio e jornais) podem influenciar o povo para o uso da língua tétum? E de que forma?

D-INL – O papel dos meios de comunicação social é extremamente importante, especialmente dando um bom exemplo. Os jornalistas podem começar a dar um bom exemplo diminuindo a utilização da língua indonésia nas suas reportagens e artigos. Porque a língua indonésia deve ver reduzido o seu uso na vida nacional de Timor-Leste; a continuação da sua presença em grande escala apenas atrasa o progresso do tétum. Este é que é o aspecto negativo sobre a utilização da língua indonésia: ela rouba os direitos e o espaço do tétum.

Os jornalistas e locutores deverão aprender a escrever o tétum de acordo com a ortografia padronizada de forma a levarem a cabo a sua missão pedagógica, mostrando à população, especialmente aos miúdos e aos jovens, a beleza e potencial do tétum como meio literário. Os chefes de redacção dos jornais deveriam introduzir regulamentos a instar os escritores a fazerem a revisão cuidadosa dos seus artigos antes da impressão, para emendar os erros ortográficos. A publicação de artigos de jornal com uma ortografia descuidada não envergonha apenas a nossa língua tétum. Este procedimento errado envergonha os próprios jornalistas, e pior do que isso, dá ao público a impressão que o tétum é uma língua sem valor, que não precisa de ser escrita com cuidado, ao contrário do português, do inglês ou do indonésio. Uma vez que um recurso como o ***Matadalan Ortográfiku ba Tetun-Prasa*** (um prontuário para o tétum), editado pelo INL, já está disponível para o público em geral, não há já pretextos ou desculpas para um jornal ou um jornalista publicar artigos em tétum que não siga o padrão.

Este comentário também se aplica aos jornalistas da rádio e da televisão. Eles devem aprender **tétum literário**, e deixar de misturar o vocabulário do tétum com o vocabulário do indonésio e do inglês, assim como devem parar de introduzir **barbarismos** como "**husu obrigadu*" em vez de "*hato'o obrigadu*", "**suporte*" em lugar de "*apoiu*", "**envairomentu*" em lugar de "*meiu-ambiente*", "**tim*" no lugar de "*ekipa*", "**estrate**ji**a*" quando "*estra**té**jia*" (ver bem onde está o acento) é que é a palavra correcta, "**staf*" em vez de "*pesoál*", e muitos outros. Os jornalistas da televisão também deveriam corrigir os textos que aparecem nos nossos ecrãs, emendando as grafias erradas.

Os telejornalistas que não sabem lá muito bem tétum podem espalhar a confusão no nosso país e levar o povo a cometer erros quando fala ou escreve a nossa língua nacional. Mas, é bom não esquecer, os telejornalistas têm um papel positivo na sociedade, e por isso muito importante. Os jornalistas da televisão que dominam correctamente o tétum não apenas dão um bom exemplo: eles podem ajudar o Instituto Nacional de Linguística a ensinar o tétum correcto ao povo. Com a ajuda do INL eles podem preparar diversos programas especiais, e podem inclusivamente a curto prazo ensinar sobre a língua e sobre como falar tétum com correcção. Um bom modelo pode ser imitar os segmentos breves de *O Bom Português* que aparecem no canal português RTP, que se baseiam em entrevistas com pessoas nas ruas. O pessoal da rádio e dos jornais também pode contribuir para esta tarefa nacional criando novos programas e colunas dedicados ao tétum e à linguística em geral. Nesta actividade o INL pode dar apoio e trabalhar em cooperação com os jornalistas. Um outro modelo que podemos imitar é o do programa que havia antigamente na televisão indonésia que ensinava as pessoas a usar correctamente o indonésio (*Gunakanlah Bahasa Indonesia yang baik dan benar*).

STL – 14. Mas porque é que em Timor o programa de ensino da língua indonésia não é colocado ao mesmo nível dos programas de ensino da língua portuguesa e inglesa nas escolas? Não é verdade que podemos ter orgulho e encontrar facilidades no facto de os timorenses poderem falar quatro línguas (tétum, português, inglês e indonésio)?

D-INL – Nós timorenses não somos indonésios. A língua indonésia não é a nossa língua. Ela ainda não se tornou e nunca poderia tornar-se a nossa língua nacional. A nossa identidade como povo, a natureza e a Constituição Nacional já o determinaram, não é preciso que a política colonial da Indonésia o venha determinar. No momento da invasão de 1975 a quase totalidade dos timorenses não sabia uma palavra de indonésio. Esta é uma língua estrangeira que o regime de Suharto impôs no nosso país através de uma política colonial que se esforçava de forma insana por fazer desaparecer a nossa cultura e identidade nacional. Neste aspecto, Timor-Leste deu uma grande lição à Indonésia: não proibimos o indonésio, como eles fizeram a partir de 1975; os nossos órgãos de soberania, os nossos padres e madres, muitos dos militantes dos nossos partidos políticos falam português, escrevem português, rezam e cantam em português. Muitos de nós timorenses sabemos, compreendemos ou arranhamos a língua portuguesa. Mas nós planificámos a saída da língua indonésia gradualmente, introduzindo as línguas oficiais – tétum e português – também de forma faseada, para dar tempo e liberdade à nova geração para aprender tétum correctamente e para aprender ou recuperar a língua portuguesa, como realização de um aspecto da cidadania e de autoconsciência, e não sob pressão. É isto que está actualmente a decorrer em Timor-Leste.

A fim de elaborar a Constituição Nacional, a Assembleia Constituinte, que foi eleita segundo um processo democrático (e portanto os seus membros eram os representantes legítimos do povo de Timor-Leste), contou com as opiniões do CNRT (organização que congregava os membros da movimento independentista, e que conduziu Timor à vitória no Referendo de 1999), consultou especialistas na cultura e história na nossa nação, ouviu novamente a vontade do povo em assembleias várias, tomou em consideração o Congresso do CNRT em Agosto de 2000, acabou por elevar à condição de línguas oficiais apenas dois idiomas – o tétum e o português – que fazem parte integrante da nossa identidade nacional, cada uma com a sua estratégia. Nós podemos sentir orgulho e apreço por estas duas línguas, que são a base da nossa cultura moderna. Línguas estrangeiras como o indonésio e o inglês, ainda que sejam interessantes e úteis (a língua indonésia numa região apenas; a língua inglesa espalhada superficialmente por todo o mundo), não entram e não contribuem para a nossa tradição nacional profunda. Portanto não podemos colocá-las ao mesmo nível que o tétum e o português. Assim também a nossa Constituição, de forma inteligente, não concede ao inglês nem ao indonésio qualquer estatuto oficial. Dá-lhes apenas um estatuto provisório. Isto não significa que não seja necessário aprender a usar o inglês e o indonésio. Significa apenas que não podemos confundir duas categorias que são distintas; em termos culturais não podemos trocar coisas sagradas por coisas superficiais do estrangeiro.

STL – 15. Há quem considere a utilização da língua portuguesa que é feita muitas vezes pelos governantes como algo pouco inteligente, uma vez que esta atitude acomoda o ex-colonizador em Timor. O que pensa sobre isto? Isto não impede o desenvolvimento do tétum?

D-INL – A língua portuguesa começou a espalhar-se no nosso país desde há quase cinco séculos. Nem a língua indonésia, que entrou só em 1975 e que o regime de Suharto promoveu com força e violência, conseguiu fazê-la desaparecer. Durante a ocupação a língua portuguesa continuou viva em Timor, não apenas por ser um símbolo da resistência mas também por ser como que uma língua sagrada que faz parte da base da nossa identidade nacional.

Devido ao facto de a maioria dos timorenses ignorar muitas coisas da história de Timor, muita gente não sabe que o colonialismo português, quer dizer o sistema de exploração que dominou e subjugou o nosso povo, durou uns oitenta anos apenas, de 1894 a 1974. Antes, até 1891, os portugueses não nos dominavam directamente; eles governavam-nos através dos nossos liurais. Durante o tempo desse "Protectorado" (1511-1891) a língua de Portugal, a sua cultura e a religião católica estabeleceu raízes profundas no nosso país, e enriqueceu e deu abrigo ao nosso tétum. Portanto, a língua portuguesa já se havia tornado um aliado do tétum antes de a colonização portuguesa começar em Timor-Leste. Assim, sem a língua portuguesa (que veio junto com as formas de agir dos portugueses, os seus costumes, e a religião católica) não poderia haver uma cultura moderna específica de Timor-Leste: a língua portuguesa – companheira e irmã mais velha da língua tétum – é que cunhou a nossa imagem como um povo, e levou-nos a ser diferentes do povo indonésio ou dos outros povos da região. Reconhecendo a história de Timor, podemos dizer que se não houvesse a língua portuguesa, não teria havido um idioma chamado tétum-praça – que encontrou no português uma fonte nos aspectos fonológico (sistema de sons), morfológico (formação das palavras), sintáctico (construção das frases), semântico (atribuição do significado), pragmático (uso prático), mental e cultural (estrutura do pensamento e hábitos ou processos) – que agora se tornou uma das línguas oficiais. Quem rejeita a língua portuguesa esquece a história de Timor, e rejeita também a identidade e a cultura leste-timorense. A língua portuguesa veio desenvolver, criar, dar abrigo e enriquecer a língua tétum que de uma língua local se transformou em língua franca e língua nacional, até actualmente se ter tornado a nossa língua co-oficial. Um fenómeno linguístico assim é único, não aconteceu em mais nenhum lugar no mundo – quer dizer, uma língua colonial vir misturar-se com uma língua autóctone até fazer surgir uma língua nacional e co-oficial.

STL – 15. Isto significa que a língua portuguesa é um factor da nossa identidade histórica e cultural?

D-INL – Exactamente! Por o português ser um factor importante da nossa identidade cultural é que o regime de Suharto teve uma grande preocupação em proibir esta língua; não foi por outra razão: porque eles percebiam claramente que enquanto os timorenses mantivessem a língua portuguesa seria difícil fazer desaparecer o nosso sentimento como um povo possuidor de uma identidade distinta, diferente dos povos vizinhos nesta região; não podemos esquecer, a identidade também fez o povo de Timor teimar em não querer vergar-se à integração na Indonésia.

Quando o nosso Bispo D. Ximenes Belo escreveu para a ONU em Fevereiro (foi divulgado para o público em Maio) de 1989 para pedir a realização de um referendo para determinar o estatuto político de Timor, um general indonésio, Beni Moerdani, em 11 de Outubro de 1989, em Díli, enquanto esperava a visita do Papa João Paulo II a Timor-Leste, veio a declarar para as televisões do mundo inteiro que só passados mais vinte anos (2009) é que se poderia levar a cabo um referendo. Este general (católico de bilhete de identidade apenas) sabia que o sentimento de identidade timorense ainda era forte. Precisava de mais vinte anos para ser "limpo". Apenas dez anos depois (1999), ele teve oportunidade de limpar mas é os seus olhos para ver a realidade.

STL – 16. O que pensa sobre a língua do ex-colonizador?

D-INL – Os que dizem que não podemos usar o português em Timor por ser ex-língua colonial, por acomodar o ex-colonizador, esquecem que o próprio povo de Timor, através dos seus líderes legítimos, é que escolheu, não apenas recentemente, mas desde o primeiro momento em que a liberdade começou em Timor (em 1974) que todos os partidos escolheram a língua portuguesa como oficial, inclusivamente a APODETI que pedia a integração na Indonésia. Assim, a escolha do português para língua oficial não é um favor a Portugal, mas a vontade

WE'LL ALWAYS HAVE PARIS

-Ilsa [Ingrid Bergman]: What about us?
-Rick [Humphrey Bogart]: We'll always have Paris.

JOÃO PAULO T. ESPERANÇA ne'e dosente husi Instituto Camões iha UNTL besik tinan haat ona. Iha tinan akadémiku 2003/2004 nia laran nia hanorin kadeira (dixiplina) sanulu iha universidade ne'e. Iha semestre akadémiku ne'ebé la'o daudaun nia hanorin hela Língua Portuguesa III, Língua Tétum, História de Timor-Leste, Cultura e Línguas Timorenses, Fonética e Fonologia I *no* Morfologia e Lexicologia.

João Paulo Esperança

soberana e a própria consciência nacional do povo de Timor-Leste.

Em relação ao colonizador, convém também não esquecer que Portugal nem sonha em vir a governar novamente Timor. O seu interesse é um apenas: o bem de Timor-Leste, a liberdade, paz e progresso no presente e futuro da nossa nação. Não convém esquecer ainda que quando Portugal fez a sua revolução no dia 25 de Abril de 1974, e nos deu liberdade para escolhermos o nosso próprio destino como timorenses, a Indonésia veio invadir e ocupar a nossa terra durante 24 anos fechando-nos do mundo, obrigando-nos através da força bruta a entrar para a República da Indonésia, matando-nos como se pretendesse extinguir-nos (quase 250.000 pessoas), muito mais do que as mortes provocadas pelos japoneses na II Guerra Mundial (perto de 40.000 pessoas em três anos). Convém também não esquecer que a diplomacia de Portugal junto com a Frente Diplomática dos timorenses é que derrubou a política da Indonésia na ONU, e Portugal é que chorou connosco e riu connosco durante a ocupação até conseguirmos a vitória. Actualmente, Portugal é que é o nosso parceiro mais seguro, apesar do mundo inteiro cantar que é um país pobre, pequeno, longe de Timor, e demais propaganda.

Antes de se tornar Presidente da República, Xanana Gusmão disse aos jornalistas em Macau, em Novembro de 2001, que Portugal é que é o eterno parceiro de Timor-Leste. Isto fez muita gente que não compreende o relacionamento destas duas nações ficar de pé atrás. Só os timorenses e os portugueses é que têm coração e capacidade para compreender estas palavras.

STL – 17. Mas para termos uma boa relação com Portugal temos que aprender mesmo a língua portuguesa?

D-INL – Não podemos olvidar-nos de que uma nação pequena como Timor-Leste precisa de uma língua internacional com estatuto oficial para comunicar com o mundo exterior. A língua tétum, ainda que seja bela e valiosa, não pode ser usada no estrangeiro (tal como os indonésios não podem usar a língua indonésia internacionalmente). Na verdade, se os timorenses não pudessem usar o português por ser uma língua "colonial", então os australianos, malaios, filipinos e indianos também não poderiam usar a língua inglesa, e a maioria das nações da América Central e do Sul não poderiam usar o espanhol. Antes de 1999, muitas nações, como Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, eram já independentes. Elas falam português como língua oficial. O Brasil tornou-se independente em 1822, e desempenha um papel de destaque no mundo actual. Antes de os brancos virem estabelecer-se na Austrália há 215 anos (1788-2003) os aborígenes viviam há milhares de anos sem que um só falasse inglês. Nos dias de hoje eles falam inglês como língua oficial.

Esse tipo de pensamento não é nada inteligente, e não é difícil de perceber de onde vem: da propaganda do regime de Suharto. Essa acusação é vazia e tola quando Portugal não tem qualquer intenção de voltar a governar Timor-Leste, e quando a língua portuguesa é para nós como uma porta aberta não apenas para a Europa mas também para todas as nações que falam português e as suas línguas irmãs: espanhol, catalão, galego, francês, italiano e romeno. O português não é apenas um trampolim para o tétum, mas também uma língua que nos enriquece e nos prepara para ser membros da comunidade internacional. Nos anos de 1998 e 1999 nós timorenses, devido ao nacionalismo, desafiávamos os indonésios em grandes manifestações gritando "*mate ka moris duni bapa sai*". Os bapas já saíram, nós já somos independentes. Não podemos ser estúpidos, e não podemos pensar como os militares indonésios queriam e transportar essa carga psicológica: considerar o português (que na verdade dá abrigo ao tétum) como uma língua colonial, e considerar por outro lado o indonésio que nos privava da nossa identidade cultural, histórica e política, como um meio que nos pode "dar orgulho, e facilitar o desenvolvimento, e a qualidade" (como a pergunta número 14 acima pode mostrar).

Jovens poetas

Jovens poetas

O pai regressou a casa

Pai... oh pai, onde estás?
Agora fico sozinha aqui sem ti
Chamo e grito. O pai não me liga
Aqui estou com tanta emoção à tua espera

A filha chora
A filha tem saudades
Apenas lágrimas escorrem
companheiras do meu dormir,
sobretudo por ti, pai.

O coração palpita
Sofre e deseja ver a tua cara e ouvir a tua voz
porque não te conheço

Na minha vida quotidiana sem ti, pai
Amo-te e tenho saudades tuas.
Onde estás tu?
Pergunto à natureza
onde está o meu pai.
Ninguém me responde
Ninguém me liga
Ninguém se importa e me ouve

O tempo passa
A vida passa
Tudo passa
Eu sem ninguém e sem ti

Pergunto ainda à natureza
onde está o meu pai
Porém ninguém me responde e ninguém me ajuda
Não sabia que o pai já tinha regressado à sua casa
E não voltará jamais.

Icha Bossa

Ha'u fila hela fali iha ha'u rain
ne'ebé lakon husi ema nia hanoin
ne'ebé lakon husi ema nia ibun
no ha'u fila tuur fali iha ha'u rain
ne'ebé ha'u bein sira hatuur hela
iha tasi nia furin ne'ebé kmo'ok

La iha ema ida bolu,
ha'u fatin mós fuik
hanesan lakon husi ema nia ksolok
ksolok ne'ebé naksumik hela iha fatuk karan sira leet

Ha'u fila hela fali iha ha'u rain
ne'ebé lakon husi ema nia harohan
ne'ebé lakon husi ema nia hamulak
ne'ebé lakon husi ema nia laran
laran kmaus ne'ebé moris hori uluk nanis

La iha ema ida haruka
ha'u fila hela fali iha ha'u rain
hodi reziste iha moris loroloron nian
atu moris hatene hamahan an nafatin

Ha'u fila hela fali iha ha'u rain
tanba kultura sei haksokar malu
maibé la iha ema ida dehan katak
nia sei mohu ho loron nakaras husi mundu ne'ebé muda an

Hercus Pereira dos Santos

Klamar Timór

Hadeer husi loron ne'ebé la to'o
Haree husi hanoin ne'ebé la mai
Hakarak baku hela nafatin liras
Iha murak tasi lulik Timór nian
No klamar loloos nani iha ninia kle'an rasik

Ema Timór,
ema aten-boot,
baku la sees,
esperansa la mate.

Rai ida,
lalatak ida,
husi lian oioin
kostume rain-na'in
foti no tane ita ilas loloos
Hatudu loloos timoroan loloos

Hercus Pereira dos Santos

José Carlos Schwarz, lia-na'in hosi Giné-Bisau

Testu husi **João Paulo T. Esperança**.Versaun ho lia-portugés publika tiha iha jornál *Semanário*, Ano 0, nº 0031, loron-7 fulan-Agostu 2004. Tradusaun ba tetun husi **J.P. Esperança ho Clara Viegas da Silva**

Iha buat oioin ne'ebé hanesan iha Giné-Bisau no iha Timór Lorosa'e. Giné mós rain ida be ki'ik, kiak, ho etnia barak no lian oioin, ho portugés mak nu'udar lia-ofisiál no lian ida seluk nu'udar lia-franka ne'ebé uza ba komunikasaun husi etnia ida ba etnia seluk. Iha-ne'ebá krioulu-Giné maka sai lia-franka no iha-ne'e mak tetun-prasa. Iha buat balu tan ne'ebé hanesan, iha ne'ebá mós uluk iha tempu koloniál iha mundu rua (no agora sei iha) ne'ebé lahanesan: mundu sidade-inan nian no mundu distritu sira-nian. Iha dékada 60 nia rohan, hahú tinan 70, iha Dili iha grupu muzikál oioin, hanesan Os Cinco do Oriente, Os Lordes, Os Académicos, ne'ebé toman toka liuliu músika sira iha lia-inglés ka sira ne'ebé mai husi Brazíl no iha tempu ne'ebá ema barak mak gosta; iha Bisau, iha otas ne'ebá, iha grupu hirak ne'ebé atu hanesan, Pérolas Negras, Os Náuticos, Juventude 71, Académicos, Capa Negra, Voz da Guiné, Os Apaches, Sweet Fenda... José Carlos Schwarz hola parte iha grupu sira-ne'e balu, molok atu hahú, iha tinan 1971 nia laran, grupu ida naran Cobiana Djazz, hamutuk ho Aliu Bari, Mamadu Bá, Samakê, Ducko Castro Fernandes, nsst... José Carlos no nia grupu foun sei halo revolusaun iha múzika Guné nian. Primeiru, tanba sira hili atu soe lia-portugés no lia-inglés, no kanta iha lia-krioulu Giné nian, lian komunikasaun povu ki'ik nian, kona-ba asuntu hanesan krítika sosiál no polítika, depois tanba sira fila ba lisan, buka atu halo múzika moderna ne'ebé iha nia abut ba tradisaun muzikál Giné nian. Iha otas ne'ebé ema sira fó-valór de'it ba buat ke mai husi li'ur, no múzika kabuverdiana rasik ne'ebé sira toman rona kuaze só *morna* no *koladera* (sira dehan katak *funaná*, hanesan mós ritmu sira rain-na'in Giné nian, maka múzika aat ema-metan jentiu lasivilizadu sira-nian, buat folin-laek) Cobiana Djazz ne'e ba hasa'e fali jéneru muzikál hanesan *ngumbé* no *badju di tina*, ne'ebé to'o tempu ne'ebá sira ne'ebé mai husi família burgeza sira husi "prasa" hakribit loos. *Ngumbé* mosu iha subúrbius (bairru hirak be hale'u Bisau), hela-fatin ba ema barak ne'ebé mai husi distritu sira, iha dékada 30, 40 no 50 nia laran, iha taberna sira (fatin ba serbisu-na'in sira atu halibur no hemu, han no kanta halimar bainhira sira sai husi serbisu-fatin). Liutiha masakre ne'ebé autoridade koloniál sira halo ba serbisu-na'in hirak ne'ebé halo hela greve iha Namon Pindjigití, iha 1959, autoridade bandu taberna atu loke depoizde tuku hitu, ba serbisu-na'in sira atu labele halibur iha-ne'ebá, no ida-ne'e kuaze halo *ngumbé* lakon. Importante tebetebes ba dezenvolvimentu husi estilu ne'ebé sei sai Cobiana Djazz nian maka hasoru-malu husi José Carlos, foin-sa'e prasa nian, no Aliu Bari, ne'ebé mai husi povu ki'ik no kiak nia leet iha bairru hale'u Bisau, no nia hatene téknika muzikál tradisionál sira.

José Carlos Schwarz moris iha Bisau iha loron-6 fulan-Dezembru 1949, bei-oan husi aman husi mane-alemaun no feto-mandinga (etnia Giné nian) no bei-oan husi inan husi mane-pepél (etnia Giné nian) no feto kabuverdiana. Joven matenek, karismátiku ho don naturál atu sai lider, ne'ebé toman lee hakerek-na'in sira husi negritude frankófona no afro-amerikanu sira, autoridade koloniál portugeza dala ida haruka nia ba Lizboa atu halo propaganda ba polítika foun "Giné di'ak liu" ne'ebé Spínola hala'o hela (nia koko atu halo populasaun sira hili atu hakbesik ba autoridade koloniál sira, emvezde uza de'it represaun brutu), maibé ikusmai José Carlos dehan nia sei la partisipa iha asaun ne'e, liutiha nia hetan doutrinasaun iha metrópole husi foin-sa'e sira PAIGC nian iha-ne'ebá. PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde – ne'e maka organizasaun ne'ebé Amílcar Cabral hahú be funu ba ukun-rasik an Giné-Bisau no Kabuverde nian. Bainhira José Carlos fila fali ba Bisau PAIGC nia frente klandestina rekruta nia atu serbisu hodi halo konxiensializasaun ba povu kona-ba independénsia. Parese Ali Bari rasik maka rekruta nia.

La kleur autoridade koloniál sira haree ba sira-nia múzika nia mensajen no haree mós katak ema barak gosta, no tanba ne'e PIDE komesa hafuhu Cobiana Djazz nia membru sira. Sira-nia kantiga ida ne'ebé famozu liu iha otas ne'ebé sira kanta hasoru kolonializmu maka *Ke ki mininu na tchora* (1972), ho liafuan husi

José Carlos Schwarz

José Carlos, kona-ba bombardeamentu husi aviaun ba aldeia sira no atake husi komandus afrikanus ne'ebé organiza husi kolonialista sira.

Ke ki miminu na tchora?//Ke ki miminu na tchora/i dur na si kurpu/Ke ki miminu na tchora/ i sangi ki kansa odja//Pastru garandi bin/ku si obus di fugu/Pastru garandi bin/ku si obus di matansa//Montiaduris ki ka kunsidu/e iara e fugial na tabanka/Montiaduris pretus suma nos/e iara e fugial na bolaña//Matu kema/casa kema/dur, dur, dur na no alma

Tanba saida maka labarik ne'e tanis?/ tanba nia isin moras/Tanba saida maka labarik ne'e tanis?/tanba baruk ona haree raan fakar// makikit boot semo mai/ho ninia tolun hanesan ahi/makikit boot semo mai/ho ninia tolun hodi oho//Kasadór sira ne'ebé ema la koñese/sira halo sala, sira tiru ba knua/kasadór sira ne'ebé metan hanesan ita/sira halo sala, sira tiru ba natar//Ai-laran ahi han tiha/uma ahi han hotu/ terus, terus, terus iha ita-nia klamar

Husi faze ida-ne'e iha mós kantiga *Mindjeris di panu pretu* (liafuan husi Armando Salvaterra, 1970), ne'ebé ko'alia kona-ba feen no inan sira ne'ebé lakon sira-nia la'en ka oan iha funu ba independénsia.

Mindjeris di panu pretu//Mindjeris di panu pretu/Ka bu tchora pena//Si kontra bo pudi / ora ke un son di nos fidi/bo ba ta rasa /pa tisinu no kasa//Pabia li ki no tchon/no ta bai nan te/*bolta di mundu/i rabu di pomba//*Ma bo na limpa korson/ku no sangi/ki na kai na tchon

Feto ho hena metan//Feto ho hena metan/keta tanis tan//Se imi bele karik/bainhira ida husi ami monu/reza ba ami/atu lori ami fila fali ba uma//Tanba ida-ne'e maka ita-nia rain/maski ami la'o lemo-rai/maski mundu ne'e dulas/nia sei fila fali ba nia fatin//Maibé imi sei hamoos imi-nia laran/ho ami-nia raan/ne'ebé nakfakar iha rai.

Kantiga *Mininu di kriason* (liafuan husi José Carlos, 1973) mosu iha kalan ida de'it nia laran, durante espetákulu ida, no uza estilu muzikál husi etnia-balanta sira-nia lisan, naran *kusundê*. Nia konta istória husi "labarik hakiak", krioulu ida (tuir signifikadu liafuan ne'e nian iha Timór), ne'ebé hetan terus no susar de'it husi ema sira ne'ebé tuir loloos tenke tau matan ba nia, to'o nia halai no bá halibur ho gerrilleiru sira ne'ebé funu ba ukun-rasik an atu bele luta hasoru injustisa.

Mininu di kriason//Ah, ora ke mandrugada abri si udjus/ke sereno ramelga/n ta lanta n dobra ña stera/Mininu di kriason/Pega trabadju//N bari kau tudu n boltia/N laba kusas tudu n seka/N findi leña ña ombra kansa /n bana fugu ña udju fuma/N bai mandadu ña dus pe gasta/n pembi mininu tok n kansa/Ña mestra kuma pa falal tia/si omi oi n ta ba ta falal tiu/ Kuntangu ke dan oh tok n djua /ma se mesa mafe ta sobra/Ña tchakual rumpi tok i kaba/ Kamisa sedu tok i muri/N ka osa papia n ka osa kanta/n ka osa ri oh n ka osa tchora/N ka otcha skola nin tarbadju/te na dia ke n lanta n fusi// Ah, ora ki garsas pelikanus/disa bisia bolaña/ e lanta pa ba tchur di sol/n sirbi ña feramenta sia/n dal bala tok i farta/pa no bai kaba ku kriason

Oan hakiak//Ah, oras bainhira dadersaan loke matan/no maho-been sei tun hela/ha'u hadeer no lulun ha'u-nia biti/Oan hakiak/hahú serbisu.//Ha'u dasa uma laran tomak/Ha'u fase no hamaran buat hotu-hotu/Ha'u fera ai to'o ha'u-nia kabaas kolen/ha'u kehe ahi to'o ha'u-nia matan manas/Ha'u halo knaar hotu-hotu, to'o ha'u-nia ain kolen/ha'u ko'us labarik halo dukur to'o ha'u baruk/Ha'u-nia señora dehan mai ha'u atu hanaran nia tia/ninia la'en aiá! ha'u sei hanaran nia tiu/Sira fó de'it etu maran to'o ha'u enjoa/maibé iha sira-nia meza na'an ho ikan naresin/Ha'u-nia kalsaun bosan to'o naklees hotu/ ha'u-nia faru ida de'it mós naklees/Ha'u la barani atu ko'alia ka kanta/ha'u la barani hamnasa nein tanis/Ha'u la eskola no ha'u la aprende profisaun ida/ to'o loron ne'ebé ha'u hamriik no halai/ /Ah, bainhira manu-garsa no manu-pelikanu/la hein natar ona/no sira ba haree hakoi loro/ha'u fó han-kalan ba ha'u-nia besi-badain/ha'u tiru sira to'o ha'u baruk/atu hakotu eskravidaun to'o la iha atan tan.

Membru sira ne'ebé importante liu iha Cobiana Djazz tenke tama ba tropa, autoridade sira iha tempu ne'ebá toman halo hanesan ne'e atu bele kontrola foin-sa'e ativista sira. José Carlos lee ho entuziazmu Frantz Fanon no Carlos Marighela, ema-Brazíl, no nia hanoin katak importante atu sai ativu liu iha luta hasoru interese koloniál sira. Nia bá kontra opiniaun diresaun PAIGC nian, no hamutuk ho nia belun sira, nia deside atu komesa frente gerrilla urbana nian iha kota Bisau rasik. Sira tau, ho jeitu ladún profisionál, bomba balu iha fatin oioin iha sidade laran.

Lailais de'it autoridade sira deskobre, no nia, Ducko Castro Fernandes no Aliu Bari tama ba dadur. José Carlos hela iha kadeia husi loron-18 fulan-Maiu 1972 to'o loron-29 fulan-Abríl 1974, tempu kuaze hotu-hotu nia dadur iha izolamentu iha prizaun PIDE/DGS nian iha Bisau, no fulan tolu ho balun iha *Ilha das Galinhas*. Sira na'in-tolu hetan tortura aat oioin, no ne'e sai inspirasaun ba múzika *Ora ke abri porta* (1973), kona-ba oinsá maka ema-dadur sira sente fuan-taridu no ta'uk bainhira polísia atu lori nia ba sesaun interrogatóriu (litik) dala ida tan.

Ora ke abri porta//Ora ke abri porta/ ña korson i un kabalu/i un kabalu ke na sakudi na si korda//Ora ke abri porta / ña alma i un pumba /i un pumba ke na bua sai di ña pitu//Ora ke abri porta /ña kurpu i un flur/
i un flur ke mon di mininu rinka//Ora ke abri porta /(Nos ke mas ke obi?)/Ora ke abri porta /(Nos ke mas ki misti?)

Bainhira loke odamatan//Bainhira loke odamatan/ha'u-nia fuan hanesan kuda ida/kuda ida ne'ebé foda hosi nia talin/ /Bainhira loke odamatan/ha'u-nia klamar hanesan pombu ida/pombu ida ne'ebé semo sai husi ha'u-nia hirus-matan//Bainhira loke odamatan/ha'u-nia isin hanesan ai-funan ida/ai-funan ida ne'ebé labarik nia liman fokit-sai// Bainhira loke odamatan/(Sira hakarak rona saida tan?)/Bainhira loke odamatan/(Sira hakarak saida tan?)

Mininu puntan (Liberdadi) (1974) ne'e kona-ba labarik ida ne'ebé husu ba nia aman saida maka liberdade, no nia aman mós la bele hatán tanba nia rasik la hatene.

Mininu puntan/(Liberdadi)//Mininu abri si boka/nosenti/i falan: baba,/ke ke i liberdadi/ke ke i liberdadi//Ña korson findi/n panta/n falau: mininu/bai djuga bola//N kambantal kombersa/ ndesan/n burguñu setal/kuma n ka sibi//Ma i puntan nosenti/nosenti/ke ki liberdadi

Labarik husu mai ha'u/(Liberdade)//Labarik loke nia ibun/inosente/no dehan: apá/saida maka liberdade/saida maka liberdade//Ha'u-nia fuan taridu/ha'u hakfodak/ha'u dehan: labarik/ bá tebe bola//Ha'u muda konversa/kasian!/ ha'u moe atu simu/katak ha'u la hatene//Maibé nia husu mai ha'u,/inosente/inosente/saida maka liberdade

Liutiha *25 de Abril*, Cobiana Djazz nakfila ba grupu muzikál ofisiál iha nasaun foun Giné-Bisau. Sira kanta kona-ba buat oioin: hahi'i erói sira independénsia nian, dezafiu atu harii sira-nia nasaun foun, no duun boot sira ne'ebé, tanba sira maka ukun ona, haluha prinsípiu hirak ne'ebé uluk sira foti nu'udar importante iha tempu luta nia laran. Sira dedika kantiga balu ba emansipasaun feto nian no ba susar ne'ebé feto hasoru. *Apili* (1974) haktuir istória husi feto to'os-na'in ida, gerrilleiru ida nia feen iha tempu terus nian iha ai-laran, no depois nia la'en soe nia, bainhira independénsia to'o ona, tanba nia ema-boot ona no nia hakarak feto moderna husi sidade de'it.

Apili//Apili, Apili, Apili /son pertu di si omi/ matchu, matchu garandi/kombatenti di povu/ Ma tugas ruma se kargu/pa e riba se tera/ kombatentis entra prasa/omi di Apili bai//Omi di Apili bai/i bai buska mindjer nobu/ki sibi entra ki sibi sai//Apili fika el son/ku si lembransa di kansera/di fomi di foronta//Ma Apili ka bu larga bu kurpu/bardadi di partidu ka ta pirdi/si ka na boka de mal tomadus!

Apili//Apili, Apili, Apili/sempre besik ba ninia mane/mane aten-barani/asuwa'in povu nian.// Maibé malae sira haloot tiha sira-nia mala/atu fila fali ba sira-nia rain/gerrilleiru sira tama tiha ona iha sidade/Apili nia la'en mós tama//Apili nia la'en bá tiha ona/no bá buka fali feto seluk/ ne'ebé estilu liu no hatais kapás//Apili hela mesak de'it/hanoin de'it ba tempu terus nian/ bainhira hamlaha no susar//Maibé Apili keta lakon neon/partidu nia prinsípius sei la lakon/ ka lakon de'it iha ema ne'ebé halo an

Iha Estadu foin-independente José Carlos Schwarz kaer knaar ofisiál oioin iha área kultura nian. Iha 1976 nia bá Kuba, atu sai Makaer Negósius iha Embaixada Giné-Bisau nian iha rain ne'ebá. Nia mate iha asidente aviaun ida iha viajen ba Avana, iha loron-27 fulan-Maiu 1977, bainhira, besik atu tun ba rai, aviaun xoka hasoru ai-riin eletrisidade nian. Husi pasajeiru na'in-59 no tripulante na'in-sia iha sobrevivente ida de'it. Artista nia mate-isin lori ba Bisau atu hakoi. Iha nia rate hakerek nia testu ida: *N na nega bedju* (Ha'u sei la sai katuas). Ema ladún koñese nia iha li'ur, maibé nia sei nafatin ídolu nasionál ida iha Giné-Bisau.

JPE

Actuação dos Cobiana Djazz

Os textos em tétum publicados no *Várzea de Letras* seguem a ortografia oficial de acordo com o Decreto do Governo nº 1/ 2004 de 14 de Abril